

O CORPO E A SEXUALIDADE EM “OUTLANDER: A VIAJANTE NO TEMPO”: UM OLHAR FEMININO

Data de aceite: 02/06/2023

Antonia Maryane Alves Cavalcante

Mestranda no Mestrado Interdisciplinar História e Letras (MIHL) da Universidade Estadual do Ceará, campus Quixadá-CE. Bolsista de Pesquisa da Fundação Cearense de Apoio a Pesquisa (FUNCAP) <http://lattes.cnpq.br/9324997917870355>

RESUMO: A literatura de Diana Gabaldon apesar de ainda não ter se popularizado já se constitui como uma obra de autoria feminina que carrega consigo temas fundamentais na discussão de gênero dentro de romances históricos, muitos deles ainda por serem explorados. Sabemos a influência e a vasta gama de leitores que são atraídas pelos romances, especialmente os que como “Outlander: a viajante do tempo” trazem personagens apaixonantes e sensualidade. A forma como isso é apresentado para leitoras e leitores é de fundamental importância. O presente trabalho adotou uma abordagem de pesquisa temática e bibliográfica e buscou fazer uma análise acerca do corpo e da sexualidade no volume 1 da obra Outlander da escritora feminista Diana Gabaldon. Por meio de nossa análise constatamos os diversos olhares lançados sobre o tema

através da personagem principal, uma mulher fruto da segunda onda do feminismo que se sente livre sexualmente mesmo sendo lançada a uma época em que isso poderia lhe custar caro. Trazemos uma breve discussão sobre a obra, um debate acerca do corpo, não apenas o erotizado, e a sexualidade envolvendo diversos momentos da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Outlander. Sexualidade. Corpo.

THE BODY AND SEXUALITY ON “OUTLANDER: THE TIME TRAVELER”: A FEMININE PERSPECTIVE

ABSTRACT: Diana Gabaldon’s literature, despite not having become popular yet, is already constituted as a work of female authorship that carries with it fundamental themes in the discussion of gender within historical novel, many of them still to be explored. We know the influence and wide range of readers who are attracted to novels, especially those like “Outlander: the time traveler” bring passionate characters and sensuality. The way this is presented to readers is of fundamental importance. The way this is presented to readers is of

fundamental importance. The present work adopted a thematic and bibliographic research approach and sought to analyze the body and sexuality on book 1 on the work *Outlander* by the feminist writer Diana Galbadon. Through our analysis, we found the different views casto n the subject through the main character, a woman who is the result of the second wave of feminism who feels sexually free even through she in thrown into a time when it could cost her dearly. We bring a brief discussion about the work, a debate about the body, not just the eroticized one, and sexuality involving different moments of the narrative.

KEYWORDS: *Outlander*. Sexuality. Body

1 | INTRODUÇÃO

Os romances históricos vêm tomando um lugar cada vez maior de destaque para os leitores, abrindo uma grande dimensão de portas, assuntos e temporalidades para sempre exploradas e vividas por aqueles que consideram prazeroso se aventurar por outros tempos. Trazem ainda para nós a criação de um imaginário acerca de tempos, costumes e culturas que não conhecemos e do qual não conseguimos não lançar nosso próprio olhar. Nessa perspectiva Gabaldon traz justamente esse elemento de lançar olhares contemporâneos de uma mulher sobre o passado misturando romance histórico com viagem no tempo.

“*Outlander: a viajante no tempo*”, de Diana Gabaldon, é uma narrativa literária pensada não apenas para entreter e aguçar os sentidos dos leitores, mas para que possamos conhecer um tempo histórico com costume muito diferentes dos nossos, especialmente quando pensamos na maneira de pensar e agir sobre as mulheres. Publicado pela primeira vez em 1991, esse romance, conferiu a Gabaldon o *Rita Award Winners Novel with Strong Romantic Elements* e uma série de sucesso adaptada para a TV.

A sensualidade é um dos pontos explorados e que mais chamam atenção dos leitores dentro da narrativa, visto que a personagem principal, Claire, é uma mulher sexualmente livre e de ideais fortes lançada a uma época em que isso está longe de ser algo positivo. Assim, podemos nos utilizar de sua literatura para pensar o corpo e a sexualidade de uma perspectiva feminina que tira a mulher do papel de ser apenas narrada e vista como objeto sexual. O feminismo vem denunciando há décadas essa situação, em especial a partir da década de 1970. Impõe-se assim a questão: como acontecem as narrativas acerca do corpo e da sexualidade através de um texto de autoria feminina?

2 | UMA VIAGEM NO TEMPO PELOS OLHOS DE DIANA GABALDON

A obra “*Outlander*” foi escrita por Diana Gabaldon e conta a história da inglesa Claire Randall, enfermeira durante a Segunda Guerra Mundial. A sinopse do primeiro livro diz que a enfermeira Claire Randall aproveita a segunda lua de mel com seu marido Frank Randall em Inverness, na Escócia, em 1945 já que a Segunda Grande Guerra tinha finalmente acabado. Ocorre que Claire, sem querer, ao visitar um círculo de pedras onde rituais pagãos acontecem, é teletransportada para Inverness em 1743 no meio de clãs guerreiros

e uma rebelião jacobita.

Na narrativa contada do ponto de vista da própria personagem principal, temos que Claire está presa no passado e enfrenta diversas ameaças, perigos e uma paixão por Jamie Fraser que é um lorde guerreiro escocês exilado de seu clã com quem ela é obrigada a se casar para sua própria proteção. Claire, também é conhecida pelo apelido de “sassenach” que significa forasteira, por ser inglesa. Considerando o contexto de conflito entre ingleses e escoceses não era uma característica bem vinda e ela é constantemente acusada de ser uma espiã inglesa enviada para espionar o clã.

Além de ser arrancada de sua própria época, de seu esposo e de tudo que conhece, nossa personagem principal se vê então ainda rodeada por um clima de instabilidade, tensão e conflito entre Escócia e Inglaterra, do qual ela já sabe o resultado em um período em que as mulheres não possuíam voz ou visibilidade. Assim pensamos que a viagem no tempo da enfermeira não se trata apenas de um deslocamento temporal, mas sim do próprio discurso, ou da imposta ausência dele:

A verdade é que nada se movia, nada mudava, nada parecia acontecer e, ainda assim, eu experimentava uma sensação de terror tão grande que perdi completamente a noção de quem ou o quê eu era, de onde me encontrava. Estava no âmago do caos e nenhuma força física ou mental era útil contra isso. (GABALDON, 2016, p. 50)

Ela se arrisca em uma época desconhecida e encara diversas batalhas reais e internas entre seus sentimentos pelo seu marido de 1945 (Frank) e pelo jovem Jamie, seu segundo marido (1743) tudo isso misturado ao fato de ser por vezes considerada uma bruxa por seus conhecimentos medicinais e opiniões radicais para a época além da incerteza se conseguirá ou não voltar para 1945.

Uma obra parte sempre do ponto de vista e imaginação de quem a escreve. Em nosso caso temos Diana Gabaldon, a escritora de toda a série de livros *Outlander*. Diana nasceu em 11 de janeiro de 1952 tendo ascendência inglesa e mexicana-americana, é mãe de três filhos adultos, tendo também netos. Vive em Scottsdale, Arizona nos Estados Unidos com seu marido. Em uma de suas entrevistas conta que possui bacharel em Zoologia pela Universidade do Norte do Arizona; possui mestrado em Biologia Marinha pela Universidade da Califórnia e doutorado em Ecologia Comportamental pela Universidade do Norte do Arizona onde também lecionou por 12 anos.

Segundo a própria escritora ela se utiliza da metaficção historiográfica como base para toda a obra literária da série de livros de *Outlander*. Segundo Linda Hutcheon (1980), a metaficção pretende que o leitor participe da produção e da recepção do texto como produto cultural. Mais especificamente sobre a metaficção historiográfica, temos ainda de acordo com Hutcheon que ela “procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos quanto formais.” (1988, p. 145). Em outras palavras, entende-se como uma existência do passado histórico vinculado a uma

narrativa ficcional, podendo ela ser complementar ou alterada para ajustar-se à narrativa.

A obra se configura como um romance histórico e apresenta diversas cenas permeadas de sexualidade, narrativas e diálogos acerca de temáticas como o sexo, o casamento e o corpo. Buscamos na obra justamente essas temáticas pensando em como são narradas por Claire, uma mulher do século XX que já havia experimentado parte das revoluções feministas pela liberdade sexual e o direito ao próprio corpo, algo ainda muito longe da realidade do século XVIII.

A autora Diana Gabaldon mostra, com as personagens femininas, que mesmo que a narrativa de “*Outlander: a viajante do tempo*”, seja decorrida em dois momentos no passado (anos de 1945 e 1743) em relação ao passado que foi escrito (1991), as atitudes contemporâneas dessas mulheres em 1743, principalmente quando relacionadas a sexualidade e ao casamento, são notórias. Há muitos vínculos com a época atual, principalmente em questão de não dominação pelo homem.

Todavia, a narrativa também mostra a visão mais moderna de uma escritora sobre um querer feminista para o passado. Assim, Gabaldon criou uma personagem (Claire) que vivia em 1743, porém, Claire tinha atitudes e visão de mundo de uma mulher que vivia em 1991, então ao invés de retirar essas atitudes modernas e encaixar a personagem nas atitudes pré-estabelecidas para a época em questão, a escritora preferiu fazer com que Claire fosse ambientada primeiramente em 1945, fosse enfermeira e que viajasse no tempo para 1743.

A escolha da autora por realocar a personagem no tempo com ideais feministas nos mostra um desejo de não oprimir ou calar a personagem feminina, uma vez que era recorrente as mulheres não terem o poder de fala no século XVIII. Assim, com a narrativa de Diana é possível apreendermos a leitura de que ela:

Resgata, através do romance histórico, a mulher que sempre fora excluída do discurso historiográfico, como forma de reivindicar o passado em nome daquelas que foram silenciadas e marginalizadas pela historiografia. (MONTEIRO, 2003, p.18)

Esse contexto de narrativas escritas no século XX e XXI, porém ambientadas em séculos anteriores e com personagens com atitudes contemporâneas não é uma novidade. Um exemplo que pode ser citado é a obra *Fair Exchange* da escritora Michèle Roberts que foi publicada em 1999 e que tinha personagens femininas do século XIX que lutaram para estudar e ter uma profissão, além de serem mães solteiras e que lutavam ativamente pelo direito das mulheres:

Apesar de o romance *Fair Exchange* ambientar-se no passado, são evidentes as conexões com a atualidade, donde a presença de novas imagens da mulher, decorrentes de sua atuação profissional, bem como de organizações familiares típicas da contemporaneidade, assinaladas pela existência de mães e pais solteiros. (MONTEIRO, 2003, p.15)

Quando discutimos literatura feminina é fundamental destacarmos a importância da crítica feminista, do debate de gênero e do próprio feminismo. A crítica feminista em suas diversas vertentes possibilita que tenhamos um novo olhar sobre as obras de autoria feminina. Pensando rapidamente sobre a leitura feminista e ainda nossa escolha de uma obra não canônica, temos que:

A crítica feminista, ao se integrar o processo cultural, contribui para proporcionar maior visibilidade à produção literária feminina, tanto resgatando obras que circularam por determinado tempo e, posteriormente, caíram no esquecimento, quanto se debruçando sobre e analisando a produção contemporânea, a fim de verificar que estratégias que estratégias narrativas/poéticas são utilizadas, como se configura a linguagem e tantos outros aspectos examinados no processo hermenêutico. (ZINANI, 2011, p. 07)

Importante destacar a importância do feminismo para a análise da personagem e da criação/escrita da própria obra, visto que temos uma mulher escritora e uma personagem central fruto de movimentos feministas. É fundamental destacar a importância do grande sucesso atingido por Gabaldon em um espaço historicamente dominado por homens. Podemos pensar em Virginia Woolf em sua obra “Um teto todo seu” quando discorre sobre a dificuldade que as mulheres têm para conquistar o mesmo sucesso editorial que um homem.

Podemos perceber uma influência direta especialmente do feminismo em sua segunda onda. Segundo Gonçalves (2019), a segunda onda do movimento feminista teve início no século XX. Além de toda a luta sobre a educação, trabalho e voto, essa época também foi marcada pela luta contra opressão do patriarcado e a luta a favor da sexualidade. Sabemos que no período narrado na obra os homens tinham pleno acesso à sexualidade dentro de bordéis, o mesmo conhecimento não era permitido às mulheres, que se casavam virgens e eram proibidas de sentir prazer durante a relação sexual. A sexualidade feminina era tão inexplorada que, até o século XX, o orgasmo feminino ainda era desconhecido.

A personagem principal, Claire, vem justamente com uma mentalidade que vai de encontro a tudo isso. Ela não é e nem finge ser (o que poderia ser conveniente) uma moça pura e virgem. Ela se declara viúva, o que naquela época lhe garantia pelo menos não ser vista com maus olhos por estar desacompanhada. Um dos momentos mais marcantes da narrativa é justamente a lua de mel de Claire e Jamie, um casamento por conveniência, mas que não deixa de existir a atração forte entre os dois. Temos Claire com toda a sua experiência e culpa pela atração que sente mesmo amando seu marido do futuro e Jamie um jovem, virgem e inexperiente escocês.

Apesar de termos diversos personagens masculinos muito importantes para a trama com seus próprios objetivos e conflitos é Claire, uma mulher, que provoca as maiores reviravoltas do romance. Quando ela se apaixona em 1743 pelo jovem escocês Jamie, solteiro e virgem, ela é, com certeza mais experiente e mais segura do que ele quanto a

relacionamentos sentimentais e ao sexo. É, portanto, uma mulher que nos planos narrativo e dramático não se enquadra nos clichês a que estamos habituados, da mocinha virgem seduzida por um homem experiente. Ela não é submissa, não é um simples objeto do desejo masculino e tem o protagonismo da ação.

3 | A SEXUALIDADE E O CORPO FEMININO EXISTEM (E RESISTEM)

Claire é uma mulher que aprecia a beleza e tem seus desejos e seus pensamentos sobre Jamie deixam isso muito claro. Na narrativa temos vários espaços de descrição para os corpos e para a percepção, principalmente de Claire. Temos uma inversão nas narrativas tradicionais em que o corpo da mulher é descrito e muitas vezes objetificado. Nesse caso o que conseguimos perceber não é uma objetificação, mas a sensibilidade e o desejo da protagonista. Impossível não destacar a grande quantidade de adjetivos que Claire usa para descrever os atributos físicos de Jamie: “rosto forte, jovem, determinado”; “maxilar sólido”, “ombros largos” etc. Em dado momento ela narra que observou “as costas largas e os braços musculosos” enquanto ele fazia suas tarefas (Gabaldon, 2016, p.158)

Mas as narrativas sobre o corpo não ficam apenas postas no campo da admiração ou do envolvimento físico, o livro traz cenas relevantes para discutirmos violações ao corpo. Quando se tratando do corpo feminino, essas violações estão constantemente relacionadas a questão sexual. Tentativas de estupro contra a personagem principal são comuns e podemos perceber pela narrativa e pelos conhecimentos do período que eram práticas bastante comuns e naturalizadas. A primeira vez que essa temática é levantada é logo depois da passagem de Claire pelas pedras e seu primeiro encontro com o antagonista Jack Randall:

Inclinou-se para a frene e agarrou-me pelos braços. Ainda tentando recuperar o fôlego, debati-me para me libertar, mas tudo que consegui foi arrastá-lo para cima de mim. (...) Seu peso pressionava meus quadris contra o solo. E uma pequena pedra cravava-se dolorosamente na base da minha coluna. Ele apertou os quadris com mais força contra os meus e suas mãos prenderam meus ombros no chão. Abri a boca, indignada. (GABALDON, 2016, p.54)

Percebemos através da narrativa e do que sabemos acerca do período que o estupro era uma prática comum e naturalizada. Principalmente com mulheres que não eram vistas pela sociedade como puras ou respeitáveis. O estupro só era considerado crime quando atingia ou maculava a honra de algum homem, como o pai ou marido da mulher envolvida. Para além disso podemos perceber o forte julgamento que era colocado nas mulheres e no tratamento que deveriam receber julgando apenas suas vestimentas ou suas próprias considerações acerca da pureza da mulher. Em dado momento Claire chega a dizer que “tinha a sensação absurda e estar em público vestida com minhas roupas de baixo.”

Poucos minutos após a primeira tentativa de estupro, Claire se vê ameaçada novamente e acusada de ser uma prostituta – o que de acordo com os personagens

masculinos daria direito de fazerem o que quisessem com ela:

-Estava discutindo certo capitão dos dragões que por acaso eu conhecia. Parecia haver uma dúvida se a madame era ou não uma prostituta.

Dougal examinou-me de cima a baixo mais uma vez, atentando para cada detalhe do meu vestido de algodão estampado e meus sapatos de caminhada.

-Sei. E qual era a posição da madame nessa discussão? – perguntou, com uma ênfase sarcástica na palavra “madame” que não me agradou.

-Ela disse que não era. O próprio capitão parecia não ter certeza, mas estava disposto a fazer um teste.

-Poderíamos fazer o mesmo, por falar nisso. – O homem gordo, de barba preta, deu um passo em minha direção, rindo, as mãos puxando o cinto. Recuei depressão o máximo que pude, o que não era muito longe, dadas as dimensões da cabana. (GABALDON, 2016, p. 59)

Um detalhe precisa ser ainda acrescentado: o corpo de Jamie, além de jovem é cheio de músculos. No entanto, este mesmo corpo abriga uma grande fragilidade: as costas de Jamie estão cheia de cicatrizes vermelhas, resultado de um açoitamento executado pelo mesmo capitão Jack Randall, que quase o levou a morte. Jamie, assim, carrega uma marca de sua humanidade e do perigo constante que corre. Claire mesmo acostumada com graves ferimentos narra com bastante espanto o que vê e os leitores são levados a pensar sobre essa forma brutal de punição que marca o corpo, algo tão sagrado, para sempre:

Vi imediatamente que, fosse ou não fosse um elogio, seu comentário era a afirmativa de um fato verdadeiro; ele sofrera ferimentos muito graves. A parte de cima de suas costas era coberta de linhas brancas esmaecidas entrecruzadas. Ele havia sido cruelmente açoitado. E mais de uma vez. Havia pequenos vergões de tecido cicatrizado em alguns pontos, onde as chicotadas se cruzavam, e áreas irregulares onde vários golpes haviam atingido o mesmo ponto, esfolando a pele e cortando o musculo. Eu já vira é claro, uma grande variedade de ferimentos e machucados, sendo uma enfermeira no campo de batalha, mas havia algo terrivelmente brutal naquelas cicatrizes. (GABALDON, p.81)

Como já discutimos, as mulheres só começaram a pensar publicamente sobre a própria em sexualidade a partir do século XX com a segunda onda do feminismo. Essa leitura de que a mulher também seria feita de desejos, vontades e prazeres, só foi possível quando as mulheres começaram a perceber e tiveram coragem de declarar que não eram somente um ser reprodutivo. Elas não existem somente para procriarem e gerarem herdeiros, elas são seres sexuais independentes.

Como consequência dessa desmistificação da visão e do papel da mulher como ser reprodutor, as mulheres conquistaram a liberdade de não serem reprimidas, de se masturbarem, e de quererem que seus parceiros sexuais as toquem e as deem prazer. Passaram a entender, não se envergonhar e a não terem medo do próprio corpo. Apesar de que sabemos, que até hoje no século XXI, a menstruação e a masturbação podem ser

temas tabus em algumas famílias mais conservadoras e tradicionais. As narrativas que relatam essa liberação do corpo feminino vem ganhando espaço no universo literário, é a representação do corpo erotizado:

“Daí a representação do corpo erotizado ser um dado recente na prosa de autoria feminina. Como se apresenta o corpo erotizado? Trata-se de um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica” (XAVIER, 2007, p. 157)

Na obra literária *Outlander: a viajante do tempo*, a personagem feminina Claire Randall Fraser, nasceu no século XX e chegou a absorver essa luta do feminismo pela desinibição da mulher e da sexualidade. Uma passagem em que a personagem está em 1945 e mostra isso evidentemente é:

Frank ergueu as sobrancelhas para mim.

- Você deveria gemer em êxtase, não dar risadinhas – repreendeu-me num sussurro. – Ela vai achar que eu não sou um bom amante.

-Você vai ter que continuar por mais tempo do que isso se espera gemidos empolgados – respondi. – Dois minutos não merecem mais que uma risadinha.

-Que mulherzinha sem consideração. Eu vim aqui descansar, lembra?

-Preguiçoso. Nunca vai conseguir colocar o próximo ramo familiar em sua árvore genealógica se não mostrar um pouco mais de empenho. (GABALDON, 2016, p.10)

Quando Claire viaja no tempo para 1743, ela continua a ser desinibida e não tem nem um pouco de vergonha de mencionar não ser mais virgem na frente de homens em um ambiente em que só ela era mulher ou de fazer diversas piadas de cunho sexual e rir junto aos homens que se chocam com seu comportamento. A personagem quebra imensos tabus do século XVIII ao falar abertamente sobre tudo que deseja.

Uma das cenas mais marcantes, principalmente quando pensamos acerca da sexualidade na obra é a lua de mel, que é uma das cenas mais sensuais do livro também narrada sob o ponto de vista de Claire. O casamento sem o qual não haveria a lua de mel, é provocado por uma questão legal. Embora os dois, nitidamente, sintam-se atraídos um pelo outro, Claire continua casada em sua memória e teria grandes dificuldades para simplesmente renegar seu compromisso com Frank e jogar-se nos braços de Jamie.

Durante a narração dos fatos podemos perceber diversos pensamentos diferentes que passam por sua cabeça. Seguindo a linha temporal da própria narrativa percebemos que o primeiro deles é a insegurança, mesmo achando Jamie atraente, a inexperiência dele a preocupa visto que “como ele mesmo dissera, era completamente inexperiente. Eu nunca deflorara ninguém antes” (p.241)

Justamente por conta da insegurança e o do medo de ambos, Claire mais uma vez tomando a frente dos acontecimentos sugere que eles tentem se conhecer um pouco mais

antes de se deitarem juntos. Em dado momento, acontece um diálogo bastante interessante entre os dois, em que ela questiona o porque de ele ter aceitado o casamento arranjado e Jamie levanta a hipótese de que talvez só quisesse “ir para a cama” com ela. Diferente do que se esperaria Claire não se ofende, mas responde com segurança: “Não precisava se casar comigo para isso” (p.245). A resposta dela e a reação dele a esta nos faz perceber a enorme diferença de mentalidade entre os dois. Enquanto para ela a prática sexual não está diretamente condicionada pelo casamento, ele se escandaliza e mesmo se ofende com o pensamento de que “a tomaria” sem lhe oferecer casamento.

No romance, não há pressa para a descrição do sexo, que acontece sempre em paralelo com conversas longas, e não são explícitas, sendo apenas descritas em conversas posteriores. Mas o desejo e os pensamentos da personagem principal são deixados bem claros desde o momento inicial do contato físico entre os dois em uma espécie de flashback e reflexão:

Tomamos vinho em silêncio por alguns instantes, ambos sentido-nos um pouco tímidos após a franqueza da última conversa. Então, aparentemente, havia alguma coisa que eu podia lhe oferecer. Eu não poderia, a bem da verdade, dizer que o pensamento não me ocorrera, antes mesmo da absurda situação em que havíamos nos envolvido. Ele era um jovem muito atraente. E houve um momento, logo depois da minha chegada ao castelo, quando ele me segurara no colo e... (p.245)

Podemos perceber ainda que há uma evidente preocupação em “empatar o jogo” da relação: Claire pede a nudez de Jamie, e depois Jamie pede a nudez de Claire. Não há, com certeza, o predomínio do olhar masculino sobre o corpo feminino. Em resumo, Claire é a protagonista e a narradora das ações na cena sexual. Mais experiente, conduz Jamie a fazer amor, pois este tem muita energia, mas nenhuma técnica. O corpo de Jamie é objeto para os olhos e o desejo de Claire, enquanto o corpo dela não vira objeto (visto que a cena acontece sob seu ponto de vista), ficando a subjetividade de Jamie quase ausente.

Há três intercursos e um episódio de sexo oral (decidido por ela), com intervalos para longas conversas sobre vários assuntos, o que contraria diversos clichês acerca do comportamento masculino após o sexo. Nessa mesma cena, Claire explica a Jamie que ele não deveria acabar rápido com o sexo como ele ouviu de outros homens porque algumas mulheres gostam sim de sexo e quanto mais devagar melhor seria para tais mulheres. Outro momento de impacto no decorrer dessa passagem é Claire, na terceira rodada de sexo entre o casal, explicando ao seu parceiro que ela gritou porque teve um orgasmo, e não porque ele a teria machucado. Percebemos que o prazer feminino se quer é considerado como algo possível ou procurado. Ela pensa, nessa ocasião, que gostou do papel como instrutora das artes do amor e que antes, nunca pensou nela mesma nessa posição.

Ao final, ao invés de ser com um orgasmo masculino, o que geralmente parece ser o objetivo em narrativas sexuais, há um clímax de prazer compartilhado, numa relação que parece ser a mais longa e carinhosa de todas. Gabaldon, de forma consciente ou

não, escreveu um capítulo que oferece uma alternativa estética literária “feminina” para a narrativa erótica, machista e voyeurista masculina que transforma a mulher em um mero objeto de desejo e prazer sexual.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patriarcado está presente na maioria esmagadora dos países, culturas, políticas, sociedades e religiões ao longo dos séculos, e o movimento feminista vem lutando desde o século XVIII para garantir que as mulheres consigam seus direitos, sua independência, sua voz e sua liberdade. É essa mesma visão patriarcal que por séculos quis transformar as mulheres em submissas, silenciadas, sendo sexualmente diminuídas a posição de reprodutoras, sem direito ao seu próprio corpo e seus prazeres.

Uma das muitas formas de percebemos isso é através da literatura que também se tornou uma forma de resistência e de ressignificação para as mulheres escritoras e leitoras. Há um exemplo muito emblemático na própria obra, que nos leva a reafirmar a importância desse debate. Ainda no século XX, o qual pensamos ser mais evoluído nessas questões, Claire se percebe pressionada a se encaixar em um comportamento considerado adequado: “Eu me mostrara recatada, bem educada, inteligente, mas modesta, elegante e discretamente vestida – tudo que a mulher perfeita do professor universitário deveria ser” (GABALDON, 2016, p. 20).

Isso se refletiu ainda mais profundamente quando pensamos acerca dos direitos ao próprio corpo, a sexualidade e é justamente por isso que esses pontos da obra foram aqui discutidos. Acreditamos que diversos outros aspectos podem ser analisados. Uma das grandes motivações, vinda desse material ficcional da narrativa, foi o fato de que, a personagem feminina vivia em 1743, uma época de muito conservadorismo e mesmo assim percebemos que é possível dar uma outra narrativa não-centrada no poder masculino e com um novo olhar para questões ainda consideradas tabus quando faladas e narradas por mulheres mesmo que no espaço ficcional. Assim, encerramos esse trabalho apontando mais uma vez a importância do feminismo para a construção da personagem principal da obra, da própria construção da escrita e das escritoras mulheres em geral, além de para esse próprio trabalho.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, SIMONE. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009

GABALDON, Diana. **Outlander**: a viajante do tempo. Tradução: Geni Hirata. São Paulo: Editora Arqueiro, 2016.

GABALDON, Diana. **The Outlandish Companion**: Volume One. 2. Ed. New York: Delacorte Press, 2015.

GONÇALVES, Marli. **Feminismo no cotidiano**: bom para as mulheres. E para os homens também... São Paulo: Contexto, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Tradução: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

_____. **Uma Teoria da Paródia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MONTEIRO, Maria Conceição (Org.) **Dialogando com Culturas**: Questões de Memória e Identidade. Niterói: Vício de Leitura, 2003.

WOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica feminista**: lendo como mulher. Revista FronteiraZ, São Paulo, n.7, dezembro de 2011.